Um inventor brasileiro para o mundo

■ Paraibano é premiado e negocia na Europa com estruturas de plástico para a construção civil, desprezadas no Brasil

ARAUJO NETTO
Correspondente

ROMA – Cansado de ser esnobado por homens de governo e empresários do Brasil, o inventor Reginaldo Marinho decidiu procurar no exterior o que seu país lhe negou. Contraindo uma dívida que continua a lhe tirar o sono, mandou-se para Genebra, na Suíça, para participar do importante Salão Internacional de Invenções da Europa, realizado entre os dias 12 e 16 do mês passado. Ao término do qual se encontrou com uma medalha de ouro conferida por um júri internacional, uma oferta de um milhão de francos suíços que lhe foi feita pelo Fundo de Desenvolvimento Tecnológico (Fondetec) da Organização de Promoção Industrial do Cantão de Genebra para viver e trabalhar na cidade e propostas de quatro grandes empresas européias (três italianas e uma francesa) para transformar em tecnologia o método revolucionário que inventou e denominou Construcel, de construção celular. Além de convites para visitar a África do Sul e a Austrália, onde também encontrará gente interessada em negociar a aplicação do seu método.

Alternativa – Método que possibilitará a construção de todo tipo de casa, edifício e instalações esportivas ou industriais sem as estruturas até aqui usadas em todo o mundo: as convencionais estruturas metálicas, de cimento armado ou de madeira. O brasileiro propõe estruturas de plástico como alternativa mais econômica e mais racional, pois evitará o desperdício de material: "Você leva para a obra só as peças que serão utilizadas." A montagem das construções será mais rápida, realizada por mão-de-obra mais reduzida, vantagens que facilitarão principalmente a implantação de projetos emergenciais em casos de catástrofes e abalos sísmicos que demandam a rápida construção de abrigos.

No Brasil, o melhor que Reginaldo obteve depois de um ano (1999) perdido em peregrinações a ministérios, universidades, centros técnicos, governos estaduais, institutos de pesquisas tecnológicas e vários empresários nacionais e multinacionais foi um convite para trabalhar como gerente comercial – "na verdade um cargo de vendedor de luxo" – de uma indústria baiana à qual ofereceu a possibilidade de decuplicar sua produção de policarbonato (resina termoplástica sintética) financiando a construção de um protótipo da mais recente de suas invenções, já comparada a um novo ovo de Colombo.

Exílio – Antes de tomar a decisão de procurar no resto do mundo o que não encontrou no Brasil, Reginaldo fez tudo para não se afastar de casa percorrendo pela segunda vez a estrada do auto-exílio. Experiência que tinha feito entre 1977 e 79, quando a ditadura militar o incentivou a viver em Barcelona. Uma de suas últimas e desesperadas tentativas foi uma carta enviada a 22 de setembro de 1999 ao presidente Fernando Henrique Cardoso. "Com todo respeito, Excelência, acabou a minha paciência. Depois de bater em tantas portas, todas fechadas e bem travadas, optei novamente pelo exílio voluntário. Na primeira vez, como Vossa Excelência também o fez, foi por discordar de uma ditadura militar e agora por discordar de uma ditadura monetarista que impede o desenvolvimento nacional".

Hoje, discutindo com os europeus, sul-africanos e australianos as melhores condições para o desenvolver sua invenção, Reginaldo perdeu a esperança de receber uma resposta qualquer do presidente.

"O Brasil é um país que não valoriza a tecnologia nacional. Quando muito, os recursos governamentais são destinados a pesquisas acadêmicas. Quando se trata de transformar em tecnologia o resultado das pesquisas, o Brasil prefere não dar o passo seguinte. Eu estive no Ministério da Tecnologia, em Brasília, onde mostrei e expliquei o meu projeto. Todos se disseram encantados mas logo me fizeram saber que o governo só podia financiar até onde eu havia chegado, isto é, o que já existia. Daí para a frente eu teria que buscar a empresa privada. Busquei várias. Em todas elas bati com a cabeça na parede.

Inspiração etrusca

ROMA – Antes de embarcar para Milão e Bolonha, onde o esperavam dois empresários italianos dispostos a se associarem a ele na fase de industrialização e comercialização das casas, edifícios, ginásios, armazéns e hangares arredondados, triangulares e cilíndricos, construídos sobre suas inéditas estruturas de policarbonato, Reginaldo Marinho, paraibano nascido há 50 anos na pequena Sapé ("pátria de abacaxi bom"), no qual muitos vêem um sósia do ator escocês Sean Connery, aceitou o convite para explicar mais detalhadamente sua invenção.

"Tenho um amigo, muito generoso, que me considera o descobridor do segundo Ovo de Colombo, porque uso tecnologia e instrumentos de engenharia mundialmente conhecidos desde os etruscos. Como o arco de compressão, que já era empregado pelos antigos etruscos e romanos nas mais diversas construções, como palácios, pontes e catedrais. Sempre com o objetivo de permitir que cada bloco pressionasse um outro, para que a construção ganhasse muito em flexão e evitasse o risco de cair."

O inventor explica que outro fundamento da engenharia utilizado na tecnologia por ele projetada é a treliça, que dá às construções uma estrutura muito rígida. "Juntando-se o arco de compressão à treliça, temos como conseqüência uma figura muito sólida, portanto muito moderna, apesar de inspirada em um conhecimento muito antigo. Chamamos de treliça um elemento estruturado com uma forma triangular."

Essa forma, prossegue Marinho, faz com que a distribuição da carga se faça por todas as partes do triângulo. Nessa tecnologia já está embutida também um colchão de ar, que lhe assegura um perfeito isolamento térmico e impede a interação do calor interno com o externo. "Do ponto de vista econômico, as vantagens oferecidas pelas minhas estruturas de policarbonato podem ser consideradas excepcionais", vangloria-se. "Qualquer construção de armazéns, silos, hangares, ginásios, edifícios e casas populares custaria no mínimo 30% a menos que as construções com estruturas convencionais".

Em Genebra, os dois jurados do Salão Internacional das Invenções que examinaram, discutiram e questionaram Reginaldo Marinho sobre cada premissa, teoria e cálculo de sua "Construcel" – já patenteada em 32 países – foram convencidos pelo inventor brasileiro sobre a possibilidade de empregar seus módulos prismáticos de plástico nas construções de silos, galpões, estufas, ginásios esportivos e até de casas populares. (A.J.)

Fotos de Divulgação

Reginaldo exibe um dos módulos de plástico que constituem o elemento básico de seu sistema celular. O método pode ser usado em todo tipo de construções, com economia de tempo, materiais e dinheiro

Sem vez no país

ROMA – Sobre as dificuldades encontradas, Reginaldo Marinho pergunta: "Isso não ocorreria porque o Brasil continua a ser 'um deserto de homens e idéias, onde nada se cria e tudo se copia', como o definiu há mais de 50 anos Oswaldo Aranha, um dos políticos mais inteligentes de seu tempo? Porque a verdade é que o empresário brasileiro não gosta de pagar imposto e muito menos *royalties*. O empresário brasileiro talvez seja o mais 'globalizado' do mundo. A ele não importa que nos últimos cinco anos o país tenha aumentado oito vezes os gastos com a importação de tecnologia. Segundo dados do IPEA, atualmente o Brasil gasta mais de US$ 1 bilhão por ano em importação de tecnologia".

O inventor prossegue: "Hoje temos milhares de pesquisadores e inventores em atividade por todo o país, isolados, sem qualquer apoio governamental, financiando-se com seus próprios recursos – criando produtos e tecnologias sem a menor possibilidade de viabilizá-los. Temos mesmo casos escandalosos de descobertas e invenções feitas por brasileiros, expropriadas e exploradas indevidamente por empresas e grupos internacionais, sem que nosso governo esboce sequer uma reação de protesto. Casos como o da longa pesquisa do professor Sérgio Ferreira sobre a influência do veneno da jararaca no organismo humano. Veneno que ele, presidente por duas vezes da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, identificou depois de sintetizar seu princípio ativo, como um valioso medicamento para o coração, um eficiente vasodilatador. Resultado que o professor Ferreira divulgou e uma poderosa indústria farmacêutica patenteou como de sua propriedade e transformou num remédio que hoje lhe rende US$ 2 bilhões por ano. Outro caso penoso e ao mesmo tempo risível é o da invenção do Bina, um instrumento identificador de chamadas que hoje se encontra em todos os telefones celulares e movimenta um mercado de US$ 8 bilhões em todo o mundo. Bina que foi descoberto, produzido e até patenteado no Brasil por Nélio Nicolai, brasileiro, residente em Brasília, vítima como tantos outros da falta de órgãos preparados e capazes de proteger a patente nacional brasileira."

Por tudo isso, a conclusão do paraibano Reginaldo Marinho, autodidata que chegou até o terceiro ano da faculdade de Engenharia e até o segundo da de Arquitetura, é a de que o descaso do Brasil pela tecnologia brasileira se deve unicamente à preguiça e ao comodismo das suas lideranças políticas e econômicas. (A.N.)

Novo fôlego para a esquerda

Cohn-Bendit quer terceira onda para conquistar jovens

BERNA G. HARBOUR
El País

MADRI – Daniel Cohn-Bendit escolheu um nome bem simbólico para a nova corrente que deseja impulsionar: TGV. É, em francês, a Terceira Esquerda Verde, mas também é para os franceses o nome do Trem de Grande Velocidade, emblema do desenvolvimento da França, de sua modernidade, da aceleração. Na Espanha, porém, sua corrente e seu livro, que escreveu com José María Mendiluce, perderam o vê de verde (e o de velocidade?) e ficaram em Por uma Terceira Esquerda.

Em sua passagem por Madri, aquele que foi Dani, o Vermelho alemão, líder do Maio de 1968 parisiense, hoje eurodeputado dos Verdes franceses, explica por que a esquerda clássica já não atende aos problemas de hoje, como se viu nas derrotas da esquerda na Espanha, em março, e na Itália, em abril.

"A esquerda clássica, que sempre põe o coletivismo à frente, não responde à necessidade de autonomia e individualidade da gente de hoje", afirma Cohn-Bendit, de 55 anos. Segundo ele, os jovens são novamente os que estão deixando para trás a esquerda, e fazem isso com postulados novos e arrojados que não incluem os velhos dogmas que lastreiam socialistas e comunistas. Nessa faixa de novos eleitores entre 18 e 21 anos, Cohn-Bendit encontrou o maior grupo de eleitores quando se apresentou como cabeça de chapa dos Verdes franceses nas eleições européias de 1999. Conquistou quase 10% dos votos, muito acima dos 7% do Partido Comunista francês. "Os jovens que votaram em mim estão preocupados com Kosovo, com o Terceiro Mundo e com um mercado mais ético. Mas já não querem um discurso ideologicamente moralizante. Querem que reconheçamos suas aspirações de autonomia, de individualidade."

E quais são estas respostas que a esquerda não dá? Dani, o Vermelho, fala mais do indivíduo que do Estado, da poluição, do meio ambiente, de Kosovo ou dos ruídos do que do intervencionismo no mercado. "Defino-me como um liberal libertário. Liberal no sentido clássico do termo, antiautoritário, e libertário em defesa do indivíduo." Para a TGV, o Estado "não pode nem deve fazer tudo", face ao velho conceito da esquerda clássica de que o Estado "pode e deve fazer tudo".

Palavras – A escolha da sigla TGV não foi casual. "Jogamos com as palavras, porque a renovação da esquerda deve se acelerar. A derrota da esquerda na Espanha e na Itália, na verdade, demonstra que o classicismo político já não satisfaz o eleitorado. TGV quer dizer acelerar o processo de reflexão e renovação."

A tarefa de ocupar um terreno próprio em meio a um arco-íris de esquerda, ampliado nos últimos anos com a Terceira Via de Tony Blair e Gerhard Schröder, a esquerda plural de Lionel Jospin ou os novos disfarces do comunismo, é difícil. "Estamos à esquerda, em alguns casos mais à esquerda do que a esquerda, mas também no centro, no meio das preocupações das pessoas. A TGV tem a capacidade de dar respostas a problemas que estão fora do esquema da esquerda e da direita tradicionais. Ar, meio ambiente, ruídos, qualidade dos alimentos são problemas que não estão à esquerda nem à direita."

A ideologia como busca do sonho, como necessidade de compreender para onde vai a sociedade, não morreu. "Se a esquerda se basear somente no terreno da gestão, está perdida. À esquerda sempre pedimos mais. Administrar bem, sim, mas também fazer sonhar. A ideologia como teologia morreu. Mas o desejo de sonhar, de compreender para onde vai a sociedade, de caminhar, de entrever o futuro, não está morto. E esta é a tarefa da esquerda."

Reuters – 9/2/98

Cohn-Bendit: menos retórica e mais questões concretas

HIV, problema de economia política

JIM LOBE
IPS

WASHINGTON – Agora que reconheceu a epidemia de Aids como uma ameaça à segurança nacional, os Estados Unidos deveriam promover um alívio, rápido e profundo, da dívida externa dos países mais atingidos pelo problema. Essa é a opinião do economista Jeffrey Sachs, diretor do Centro de Desenvolvimento Internacional da Universidade de Harvard. Ele acrescenta que, sem o devido controle, a Aids poderia destruir sociedades inteiras nos próximos anos, em especial na África, obrigada a gastar mais na amortização da dívida do que com a saúde pública.

O economista assinala ainda que os programas de controle deveriam ser aprovados pela Organização Mundial de Saúde ou pelo Banco Mundial, e não pelo Fundo Monetário Internacional, como acontece hoje. É esse organismo que determina que condições devem ser cumpridas pelos países mais pobres para beneficiar-se do alívio da dívida. "Estamos delegando essa tarefa a uma instituição financeira especializada em balanços de pagamentos e não na emergência social que, supostamente, a iniciativa da dívida cancelada atenderia."

Segundo estimativa de agências de inteligência americanas, divulgada em janeiro, os países mais afetados, especialmente os da África subsaariana, sofrerão "uma catástrofe demográfica" nos próximos 20 anos, devido à propagação e à letalidade do HIV. O documento, do qual o jornal *Washington Post* obteve uma cópia, afirma que a epidemia atingirá, principalmente, as classes mais pobres, produzindo numerosos órfãos. E que a abrupta queda na expectativa de vida causada pela enfermidade poderá provocar "revoluções, guerras étnicas, genocídios e golpes de Estado".

Ásia – Mais de 16 milhões de pessoas morreram de Aids, das quais 14 milhões africanas, desde o princípio dos anos 80. Em fins de 1999, cerca de 33 milhões – 23 milhões de africanos – estavam infectados pelo vírus. Especialistas das Nações Unidas acreditam que a epidemia se agravará rapidamente na Ásia, Europa Oriental e Central, América Latina e Caribe. E os serviços de inteligência dos EUA prevêem que a Ásia vai superar a África, em 10 anos, no número de aidéticos. Em alguns países da região, mais de 20% da população adulta estão infectados.

Agências da ONU calculam que o custo de uma campanha preventiva eficaz na África será de US$ 2 bilhões anuais, e que outros US$ 2 bilhões serão necessários para o tratamento das pessoas já infectadas. Instituições multilaterais aumentaram os gastos no combate à epidemia, mas os US$ 300 milhões empregados representam apenas uma fração do necessário. Nem os EUA, que já gastaram US$ 125 milhões em prevenção nos dois últimos anos, estão preparados para investir tanto. O governo de Bill Clinton quer ainda que o Congresso aprove uma verba de US$ 1 bilhão para os próximos 10 anos.